



OS IMPACTOS DO “DESENVOLVIMENTO” ÀS COMUNIDADES RURAIS

Maysa Mayara Costa de Oliveira¹

Resumo: O presente artigo faz uma discussão a respeito das conseqüências do “Desenvolvimento” às comunidades rurais. A partir da análise do termo Desenvolvimento, revelam-se seus principais objetivos, fazendo uma crítica a este termo e demonstrando como este desempenhou/desempenha um papel ideológico. Em seguida, a análise da Revolução Verde, como outro fator de mudança tanto na Economia como na forma de vida no campo, e seus impactos sobre o modo de concepção da agricultura. Por fim, é realizada uma discussão sobre a realidade atual das comunidades rurais no Maranhão que sofrem com as conseqüências de uma lógica desenvolvimentista presente no Estado.

Palavras-chave: desenvolvimento; subdesenvolvimento; revolução verde; comunidades rurais.

Abstract: This article is a discussion of the consequences of "Development" to rural communities. From the analysis of the development term, prove to be their main goals, making a criticism of this term and demonstrating how this played / plays an ideological role. Then the analysis of the Green Revolution, as another factor of change in the economy as well as life in the field, and their impact on the design mode of agriculture. Finally, a discussion is held about the current reality of rural communities in Maranhão suffering the consequences of a developmental logic in this state.

Keywords: development, underdevelopment, green revolution, rural communities.

¹ Estudante. Universidade Federal do Maranhão (UFMA). ysa_peppers@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

A partir das discussões realizadas durante a disciplina de Sociologia do Desenvolvimento, das experiências vivenciadas e das leituras sobre determinados temas de interesse do presente artigo, como dos inúmeros problemas ocorridos no Estado, em relação a grandes projetos desenvolvimentistas, o objetivo deste artigo é discutir a noção de desenvolvimento que serviu como modelo de expansão do capitalismo, e como este modelo atingiu consideravelmente a concepção e os padrões da agricultura, como também o modelo de vida das comunidades rurais, afetando-as diretamente e indiretamente.

A Revolução Verde é outro fator que também merece destaque, pois, pertence ao pacote desenvolvimentista, com a inserção do uso de agrotóxicos e fertilizantes na agricultura, trazendo sérias conseqüências ao meio ambiente como aos pequenos agricultores que não podem competir com o grande investimento dessa nova forma de produção agrícola, voltada inteiramente ao mercado.

Por fim, observando os inúmeros protestos de várias comunidades rurais do Estado do Maranhão, como a situação de extremo conflito que vive o Estado em meio a grandes projetos desenvolvimentistas, faz-se uma análise a respeito do que está sendo vivenciado a partir da lógica do desenvolvimento.

2 A INVENÇÃO DO DESENVOLVIMENTO

O termo Desenvolvimento tão utilizado para designar os ambiciosos projetos capitalistas, constitui um termo cheio de conotação, e que ao longo do tempo seu uso e seu sentido deram margem a várias significações, porém, o sentido que o termo fortemente carrega, e que nos interessa analisar, é o sentido de se chegar a uma determinada etapa evolutiva, ou seja, uma “evolução”, parte final de determinado estágio.

Gustavo Esteva em Dicionário do Desenvolvimento faz uma análise histórica do termo, chamando-a de “história distorcida”, e que não há outro conceito dentro do pensamento moderno que tenha tamanha influência sobre o modo de pensar o comportamento humano.

Em sua “história distorcida”, no significado coloquial a palavra Desenvolvimento descreve o processo ao qual são liberadas as potencialidades de um determinado organismo até sua fase completa (ESTEVA, 2000). A partir dessa metáfora mostra-se como o termo até hoje tem uma forte ligação com esse sentido, como também na biologia o



conceito de Desenvolvimento estava inteiramente ligado com o de evolução, na concepção de transformação para uma forma mais perfeita. Essa concepção foi e ainda é fortemente utilizada como referência para a demarcação de uma desigualdade que justifica a exploração de poucas nações sobre várias.

Com o modo de produção industrial, que era uma, dentre várias formas de vida social, tornou-se uma referência no estágio de culminação das potencialidades da vida humana, estando assim o Desenvolvimento ligado a essa nova forma de concepção da vida social. Nesse sentido o termo Desenvolvimento tornou uma hegemonia global de um modo de vida Ocidental e que acabou roubando de outros povos de culturas diferentes a capacidade de definir a sua cultura e seu próprio modo de vida. Esta constitui uma primeira fase ao qual o sentido do termo Desenvolvimento vai tomando a forma de influenciar no modo de vida, principalmente para justificar a imposição de um modo de vida sobre outro.

Apesar de inúmeros significados que a palavra Desenvolvimento teve e tem, e dependendo da situação ao qual a palavra está sendo empregado, o termo Desenvolvimento não consegue em seu sentido se desprender dos significados de crescimento, evolução, mudança. Uma mudança que é sempre favorável, e que nos remete a dar “um passo a frente” ou subir cada vez mais, sempre no sentido de que partimos de algum lugar e que vamos alcançar determinado topo. Porém, como vai ser colocado mais adiante, a crítica sobre o que o sentido que o Desenvolvimento propõe, é analisarmos que este topo não existe, e que é a partir das conseqüências desse modo de conceber o mundo, que a lógica do Desenvolvimento começou a ser criticada.

A segunda fase de como o termo Desenvolvimento toma as proporções que até hoje influenciam o mundo, faz parte de uma campanha política iniciada pelo presidente dos Estados Unidos, Truman, que após o fim da Segunda Guerra Mundial, e então centro do mundo, queria deixar a nível global a marca norte americana, nascendo naquele momento uma nova era do Desenvolvimento (ESTEVA, 2000). Assim, ao usar pela primeira vez em seu discurso a palavra, subdesenvolvimento, Truman inaugura um novo sentido à palavra Desenvolvimento, ou seja, tudo que não era Desenvolvido passou a ser Subdesenvolvido, e aí então “do dia pra noite” milhões de pessoas passaram a ser subdesenvolvidas, e o que importava agora era sair desta condição (ESTEVA, 2000).

As conseqüências desse novo projeto, um projeto imperialista, marcou de forma definitiva as percepções em relação entre o “eu” e o “outro”, e que de forma diminuta exclui



e define a identidade do outro, não que essa concepção começou a existir desde então, mas, a partir do momento em que se impõe uma situação de inferioridade e que se cria um “modelo” a ser seguido, exclui-se uma identidade, uma forma de vida para que se alcance determinado estágio, começando assim a corrida para o Desenvolvimento, um Desenvolvimento que é inventado como o Subdesenvolvimento e que é contraditório.

Os resultados advindos dessa nova ideologia que em seu sentido só reforçam o que já existia no mundo, pobreza e “atraso”, deixam de lado a especificidade de cada nação renegando a história do seu passado. Coincidentemente os países ditos “subdesenvolvidos” são os mesmos que séculos atrás foram colônias de exploração de matéria-prima, e que mais uma vez, só que por outro viés, vão a todo custo entrar na “corrida” para o Desenvolvimento, adaptando-se novamente a uma ideologia dominante.

3 A REVOLUÇÃO VERDE E SEUS IMPACTOS NO BRASIL

A Revolução Verde faz parte do exemplo de como a ideologia do Desenvolvimento tomou proporções que afetaram definitivamente a concepção de agricultura, a vida no campo e os recursos naturais.

Primeiramente a Revolução Verde consiste no processo de modernização da agricultura, modernização esta que ocasionou grandes impactos no Brasil e no mundo. Estrategicamente o surgimento deste projeto, ocorreu com o fim da Segunda Guerra Mundial, onde se viu na agricultura um investimento de grande rentabilidade, e onde podiam ser reutilizadas muitas indústrias químicas como também a maquinaria, que foram instrumentos que ficaram com o fim da guerra.

Assim estavam montada as bases para o processo de modernização da agricultura, juntamente com o discurso ideológico, de que a proposta da Revolução Verde seria de acabar com a fome no mundo. Porém, é de se estranhar que após uma guerra onde países que se consolidaram como hegemonia mundial, pelo mercado da guerra, a custa da vida de milhares de pessoas, estejam realmente preocupados com a fome mundial.

A verdadeira intenção da Revolução Verde seria vender os pacotes tecnológicos aos países ditos subdesenvolvidos, para que estes pudessem ter a oportunidade de se desenvolver. Estes pacotes reuniam todas as inovações técnicas para o plantio e a colheita na agricultura, onde se incentivava o uso de todos os tipos de agrotóxicos, de ferramentas e máquinas como tratores e colheitadeiras.



Segundo George apud ANDRADES e GANIME (2007):

(...) pode-se entender o raciocínio geopolítico norte-americano segundo a lógica da Guerra Fria no que diz respeito à fome. E mais, a afirmação é excelente, pois deixa claro o aspecto ideológico da Revolução Verde na medida em que a resolução do problema da fome não passa somente por inovações tecnológicas. É notório o aumento da produtividade, todavia a agricultura foi concebida como um meio para reproduzir o capital, ao invés de colaborar para solucionar o problema da fome. (p.47)

Nesse sentido o próprio projeto ideológico da Revolução Verde de acabar com a fome se contrastam com sua real intenção que é o aumento do capital, através da venda dos pacotes tecnológicos para a agricultura.

No Brasil, como nos demais países “subdesenvolvidos”, só foi possível ter acesso a esses pacotes através da ampliação do crédito com parcerias intergovernamentais, ou seja, o governo liberava o crédito aos agricultores para que estes pudessem financiar os pacotes.

O Brasil por ter um histórico de um país de base agrária e de grandes latifúndios, e também por um grande número de pequenos agricultores, com a adoção ideológica da Revolução Verde, há a intensificação da competitividade, do lucro e a união entre agricultura e indústria, estes vão perder cada vez mais as suas terras para a grande indústria agrícola ou agronegócio, o seu espaço no campo, e as suas técnicas de trabalho, uma vez que a ideologia do uso das práticas de utilização de agrotóxicos e máquinas “acabou” os problemas na plantação e aumentaram a velocidade da produção. Assim, não há como os pequenos agricultores competirem com quem tem mais recursos para investir nos pacotes tecnológicos advindos de uma lógica global.

Entretanto, em que sentido a Revolução Verde matou a fome, se com o seu projeto tirou os meios de subsistência das comunidades rurais brasileiras?

Ao analisar os efeitos da Revolução Verde no Brasil, Zamberlam e Froncheti apud ANDRADES e GANIME (2007), destacam algumas iniciativas tomadas pelo governo para a implantação desse projeto no país:

- “divulgação das propostas e investimentos;
- concessão de espaços para os organismos internacionais;



- envio de professores, técnicos e pesquisadores para o exterior a fim de serem treinados e vinda de técnicos desses centros internacionais para efetuarem treinamentos no Brasil;
- atração de empresas transnacionais para o país a fim de produzirem insumos (químicos), máquinas e equipamentos e de indústrias processadoras de matérias-primas agrícolas. Chegaram a Ford, Shell, Ciba-Geigy, ICI, UNILEVER, Du Pont, Bayer, Basf, Stauffer, Dow Química, Pfizer, Unon Carbide, Hoeschst, Monsanto, Rhodia, entre outras;
- criação de centros e órgãos de pesquisa, no Brasil, para 'adequarem os produtos' à realidade do solo e do clima. Surge a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuária), EMBRATER (Empresas Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural), as EMATERs (Empresas de Assistência Técnica e Extensão Rural) e as cooperativas fundam seus centros de pesquisa também com a mesma finalidade;
- estímulo ao surgimento de cooperativas de comercialização agrícola para organizar os agricultores e introduzi-los às novas práticas;
- reformulação do papel do Banco do Brasil, passando a ser um órgão financiador por excelência desse novo modelo.” (p.49)

Essas iniciativas para a adoção do pacote tecnológico da Revolução Verde no país reforçam a teoria de dependência e a relação centro-periferia, destacada por Celso Furtado, como formas características dos países “subdesenvolvidos”, onde a influência dos países centrais vai agir na difusão da mudança cultural dos povos. A relação de dependência e centro-periferia se dá uma vez que os países que não possuem uma estrutura capaz de promover suas próprias técnicas onde importam estas dos países centrais, adotando assim um padrão de dependência. A consequência disso ocorre na dominação cultural em que os países centrais são exercem sobre os periféricos.

4 OS IMPACTOS DO DESENVOLVIMENTO ÀS COMUNIDADES RURAIS NO MARANHÃO

Diante das mudanças no cenário brasileiro pela adoção dos pacotes tecnológicos da Revolução Verde no campo, hoje analisamos as consequências que estas escolhas



trouxeram ao campo, na qualidade de vida e principalmente ao ecossistema do mundo como um todo.

No Maranhão, Estado onde existe um grande percentual de comunidades rurais, a discussão que se põe em cheque, diante de tantos conflitos existentes devido aos grandes empreendimentos tanto no setor industrial como no agronegócio, é saber como lutar contra o esmagador sistema do capital, que desapropria e mata o homem do campo.

Entre os dias 04 e 07 de Outubro de 2011, foi realizado em São Luis, capital do Estado, a 1ª Jornada de Fortalecimento da Agricultura Familiar e Reforma Agrária, na sede da FETAEMA (Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Estado do Maranhão), onde trabalhadores rurais de todo o Estado, técnicos agrícolas, agrônomos e sociólogos discutiram de que maneira se pode trabalhar a assistência técnica com as novas formas de sustentabilidade. Assim, durante quatro dias foram discutidas, trabalhadas, e planejadas formas de resgatar o trabalho no campo, com técnicas que antes eram utilizadas dentro das comunidades rurais, e que hoje, foram tomadas pelas técnicas importadas pelo modelo de modernização da agricultura.

A questão, colocada por muitos trabalhadores, é de uma reeducação no campo, no sentido de se fazer uma abolição dos métodos utilizados pela agroindústria, e resgatar antigas técnicas que foram esquecidas devido a esse novo cenário que apareceu no campo, durante a Revolução Verde no Brasil a partir do período ditatorial. Assim, questões como sustentabilidade e agroecologia são colocadas em discussão aos efeitos que o agronegócio no campo, como grilagem, encomendas de mortes, desapropriação, contaminação dos solos, rios, desmatamento, cultivo de monocultura, entre outros, são alguns dos inúmeros problemas encontrados pelas comunidades rurais no Estado, resultante da lógica de “desenvolvimento”, que acarreta a destruição do sistema natural e miséria no campo, como o Estado em um todo.

Iniciativas para uma reeducação no campo são políticas que vêm cada vez mais tomando força, como uma alternativa de minimizar os impactos causados pela modernização da agricultura, como a Carta de Princípios Agroecológicos, elaborada pela RAMA (Rede de Agroecologia no Maranhão), em Julho de 1999, onde destacam-se os principais pontos:

- Manejo Sustentável do Solo;
- Valorização e resgate de semente tradicionais;



- Controle alternativo de pragas e doenças das plantas e dos animais;
- Conservação e manejo dos ecossistemas aquáticos;
- Integração das criações de animais no sistema de produção familiar diversificado;
- Conquista de mercados consumidores para os produtos orgânicos da agricultura familiar;
- Respeito a produção familiar rural com base na agroecologia;
- Reconhecimento e valorização da mulher agricultora e da juventude rural;
- Desenvolvimento de experiências no Maranhão com bases agroecológicas;
- Mobilização da sociedade para a discussão da agroecologia;

Apesar do grande esforço das comunidades rurais e das entidades pelo fortalecimento de uma política que adote medidas alternativas de trabalho no campo, ainda assim é muito difícil competir com quem possui grandes latifúndios, e o grande capital.

Um exemplo disso são as plantações de monocultura de eucalipto, para a produção de ferro gusa, que mudou drasticamente a paisagem do sul do Maranhão.

5 CONSIDERAÇÕES

A lógica do desenvolvimento desencadeou mundo a fora, uma disseminação da identidade cultural de cada povo, cada nação, condicionando assim sua posição de subdesenvolvido no mundo. Apesar da palavra “desenvolvimento” ter sido bastante utilizada para expressar diversos significados, na era capitalista o seu sentido é utilizado para indicar o “avanço” e o “progresso” do mundo. “Avanço” e “progresso” estes que trouxeram várias conseqüências, como os pacotes da Revolução Verde, que espalharam o veneno do imperialismo para mundo.

A lógica do “desenvolvimento” destruiu a dignidade de famílias que há anos trabalhavam em suas terras, e que se vêem obrigadas a abrir mão do único meio de subsistência. A lógica do “desenvolvimento” destruiu a roça, e a transformou em monocultura, a lógica do “desenvolvimento” marcou alguém de morte, a lógica do “desenvolvimento”, destruiu reservas, polui o ar, atropelou famílias... A lógica do “desenvolvimento” espalhou o câncer a sociedade.



No Maranhão, diante de todos esses problemas e conflitos, a organização das comunidades rurais, na forma de discussão e debate e sobre meios alternativos de trabalho no campo, são necessários na mudança da realidade e também como forma de diminuir os impactos gerados por essa “lógica”.

O trabalho de entidade como Justiça nos Trilhos e Fórum Carajás, são representações que desempenham um papel bastante importante de denúncias das injustiças cometidas pelos grandes projetos desenvolvimentistas que existem no Estado, e que como forma de organização dessas minorias que são as principais vítimas do Desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

<http://www.justicanostrilhos.org/>

<http://www.forumcarajas.org.br/>

<http://www.fetaema.org.br/>

- Andrade, Thiago de Oliveira e Rosângela Nasser Ganimi. **Revolução verde e apropriação capitalista**. Juiz de Fora: 2007.
- BORJA, Bruno. **Cultura e desenvolvimento no pensamento de Celso Furtado**. Rio de Janeiro: UFRJ.
- **Experiências Agroecológicas no Estado do Maranhão**/Organizadores, Fabio Pierre Fontenele Pacheco, Jane Carla Garcia Lindoso. – São Luís, 2007
- ESTEVA, Gustavo. Desenvolvimento. In: SACHS, Wolfgang (editor). **Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder**. Trad. Vera Lúcia M JOSCELYNE, Susana de GYALOKAY e Jaime E. CLASEN. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 59-83.

